

NARRAR PARA (RE)EXISTIR: VOZES FEMININAS MOBILIZADORAS DE AFETOS E PERTENCIMENTO NA EJA¹

Ana Clara São Thiago²
Leonardo Nolasco-Silva³

RESUMO

Este artigo discute as narrativas de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos anos iniciais como práticas de resistência e (re)existência, em que o ato de narrar de si assume caráter formativo, político e epistemológico. A pesquisa, de natureza cartográfica e implicada, está ancorada nos estudos das pesquisas com os cotidianos e na pesquisa-formação, compreendendo o narrar como movimento de produção de sentido e de constituição de saberes. O estudo foi desenvolvido com turmas multisseriadas (fases IV e V) da EJA, compostas majoritariamente por mulheres negras, mães, avós e trabalhadoras, em uma escola municipal de Petrópolis (RJ). As conversas e atividades pedagógicas realizadas revelaram que narrar a própria vida possibilita a emergência de subjetividades, o fortalecimento de vínculos afetivos e a construção coletiva de conhecimentos, transformando a lógica escolar tradicional. O texto defende que as narrativas femininas na EJA, ao articularem afetos, memórias e experiências, configuram-se como potentes dispositivos de formação e de transformação dos cotidianos escolares. O narrar, nesse contexto, não é apenas relato do vivido, mas gesto de criação de mundo, uma ação política que reposiciona o sujeito como autor de sua própria história e como produtor de conhecimento legítimo, oferecendo também subsídios para práticas pedagógicas e políticas públicas mais sensíveis às trajetórias das aprendentes adultas e idosas.

Palavras-chave: Narrativas de si, Educação de Jovens e Adultos, Mulheres, Afetos, Pesquisa-formação.

INTRODUÇÃO

“Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher, sou minha mãe, minha filha, minha irmã, minha menina, mas sou minha, só minha e não de quem quisier. Sou deus, tua deusa, meu amor.”⁴

Inspiro. Suspiro. E no silêncio, me encontro. Sou Ana, sou Clara, sou mãe e professora, mulher e pesquisadora. Entre múltiplas versões de mim, aprendo que a vida, assim como a pesquisa, é feita de respiros e travessias. Na maternidade e na docência, reconheço-me em

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil CAPES) - Código de Financiamento 001

² Doutoranda em Educação no ProPED, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), anasthiago41@gmail.com;

³ Doutor em Literatura e em Educação, ProPED, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), leonolascosilva@gmail.com;

⁴ Parafraseando Renato Russo, na voz marcante de Cássia Eller, a música [1º de julho](#) busca inspirar os sentimentos desta pesquisadora em sua escrita. (Acesso em 03 de jun. 2025)

movimento constante, entre o caos e a criação, entre o cansaço e o encantamento. Escrever, neste contexto, é buscar fôlego — um gesto de reencontro com o mundo e comigo mesma.

A maternidade não me fragmenta; me entrelaça. Sou mãe e pesquisadora, professora e estudante, não em revezamento, mas em coexistência. Desde o mestrado, em 2020, a gestação dos meus filhos coincidiu com a gestação de trabalhos acadêmicos. Entre fraldas e artigos, febres e leituras, compreendi que pesquisar é também maternar: cuidar, acompanhar, nutrir e esperar o tempo da palavra nascer. Como afirma Chimamanda Adichie (2025), a maternidade não diminui os sonhos de uma mulher — ela os reorganiza e os torna urgentes.

Este texto é produto desta mulher que encontra-se em processo de pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e tem como foco compreender como as narrativas de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos anos iniciais produzem sentidos de pertencimento, formação e (re)existência nos cotidianos escolares.

Atuo desde 2017 como professora dos anos iniciais no Complexo da Maré (RJ) e, desde 2023, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Petrópolis. É com as mulheres da EJA que este trabalho se constrói — mulheres negras, mães, trabalhadoras, cuidadoras — cujas vozes e histórias ecoam nas salas de aula, nos corredores e nos intervalos. São vozes que narram dores, amores, ausências e recomeços. Escutá-las é reconhecer nelas potências de (re)existência que atravessam a mim e à própria escola.

Inspirada pelos estudos com os cotidianos (ALVES, 2008; ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) e pela cartografia (ROLNIK, 2006; DELEUZE; GUATTARI, 1995), assumo uma postura ética e implicada com as experiências vividas. Pesquisar, aqui, é caminhar com, e não sobre. É acompanhar processos, acolher afetos, deixar-se atravessar pelos encontros. A pesquisa se faz em movimento, com as narrativas que emergem das práticas cotidianas e das conversas com as estudantes.

Nessa tessitura, a pesquisa-formação (JOSSO, 2004, 2012) oferece o horizonte de compreender o narrar de si como gesto formativo. Narrar é revisitar a própria história, (re)significar o vivido, compreender o percurso e reinventar o futuro. As narrativas femininas na EJA revelam essa dimensão: ao contarem suas histórias, as mulheres se reconhecem, se afirmam e constroem sentidos coletivos de pertencimento e esperança.

Não escrevo sobre mulheres: escrevo com elas. Suas narrativas não são apenas dados, mas companheiras de percurso. São ficções reais, como define Maddalena e Nolasco-Silva (2022), que fabulam novos modos de existir. O que move esta pesquisa é a escuta do cotidiano como território de criação, onde o pessoal é político e o ordinário se revela extraordinário.

A EJA nos anos iniciais é aqui tomada como campo fértil para compreender a produção de sentidos e saberes por meio das narrativas. Nesse espaço, alfabetização e letramento ganham contornos éticos e afetivos, atravessados por histórias de interrupção e retorno, de dor e de coragem. As mulheres que retornam à escola reivindicam não apenas o direito à educação, mas o direito à palavra, à memória e à reinvenção de si.

Os dados do IBGE (2023) e de pesquisas recentes (FONSECA; ANDRADE, 2024; PORFÍRIO, 2023; SOUZA, 2015) revelam que a maioria das estudantes da EJA são mulheres negras e trabalhadoras, cuja trajetória educacional foi interrompida por desigualdades de gênero, racismo e sobrecarga doméstica. Seus retornos à escola são, portanto, gestos políticos de resistência. É nesse contexto que o narrar de si se apresenta como prática emancipatória, capaz de mobilizar afetos e provocar deslocamentos subjetivos e coletivos.

Ao adotar uma abordagem implicada e sensível, reconheço que a pesquisa é também uma forma de respirar — de permanecer viva entre palavras, histórias e afetos. Pesquiso por mim e por tantas outras mulheres que, entre um filho no colo e um texto por nascer, seguem escrevendo, sonhando e resistindo. Porque narrar é existir. E, na EJA, cada história contada é uma centelha de mundo reinventado.

Pulsar musical – gestando a composição ‘pesquisativa’

Tum-tum... tum-tum... tum-tum...

A criação de uma pesquisa, assim como a composição musical, nasce de um impulso interno que deseja transformar em ritmo aquilo que pulsa em silêncio. Antes que o som se faça ouvir, há o intervalo fértil da escuta — esse espaço entre o sensível e o inteligível, onde o pensamento respira e o sentir se anuncia. Como lembra Barenboim (2009, p. 13), “o som não é independente, mas tem uma relação permanente com o silêncio”. É desse intervalo entre o inaudito e o vivido que emerge o campo desta pesquisa.

Neste tópico, na intenção de apresentar a metodologia de pesquisa, destaco que o cenário investigado foi uma turma multisseriada dos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificada como ME451, localizada em uma escola municipal de Petrópolis (RJ), da qual sou professora regente. A turma, composta majoritariamente por mulheres negras, mães, avós e trabalhadoras, frequentava as fases IV e V, correspondentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo dos semestres 2025.1 e 2025.2, participaram 21 alunas nos diálogos coletivos em sala e, posteriormente, 4 mulheres em conversas individuais — sendo três

estudantes das fases VI, VIII e IX e uma ex-aluna da EJA e atual estudante da UERJ. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme as diretrizes éticas da pesquisa.

As atividades pedagógicas e conversas foram gravadas em áudio e registradas em diário de campo, com foco na escuta das narrativas que emergiam das práticas cotidianas. A proposta se desenvolveu a partir de sequências didáticas antirracistas, feministas e interseccionais, que mobilizaram reflexões e partilhas pessoais. As estudantes, em diversos momentos, narraram fragmentos de suas vidas, experiências de trabalho, maternidade, violência, fé e resistência. Tais narrativas não foram tomadas como “dados” a serem analisados de forma externa, mas como encontros formativos, em que a palavra compartilhada se transforma em conhecimento.

O movimento metodológico adotado é o da cartografia, inspirada em Deleuze e Guattari (1995) e em Rolnik (2006), que compreende a pesquisa como processo de acompanhamento de forças, afetos e sentidos em constante fluxo. A cartografia não busca representar ou fixar o real, mas seguir suas linhas de fuga, acompanhando os modos como o desejo e a subjetividade se expressam nos territórios cotidianos. O papel da pesquisadora-cartógrafa é o de estar em presença, implicada com o campo, deixando-se afetar e transformando o vivido em escritura.

Nesse percurso, o registro cartográfico se deu por meio da escuta sensível e da escrita implicada: anotações de campo, transcrições das conversas, reflexões pós-aula e composições textuais criadas a partir das vozes das participantes. A análise foi realizada em diálogo com a pesquisa-formação (JOSSO, 2004; 2012), que compreende o narrar como gesto formativo e reflexivo. Assim, cada narrativa foi lida e relida a partir dos sentidos que emergem do vivido, e não de categorias prévias. Os excertos foram revisitados em três movimentos:

1. Escuta e transcrição poética das falas — preservando ritmo, pausas e emoções;
2. Composição interpretativa — identificando temas recorrentes, imagens simbólicas e afetos compartilhados;
3. Escrita cartográfica — reconstruindo o percurso da pesquisadora e das participantes em um texto que se faz criação e reflexão simultaneamente.

Como nos lembra Nolasco-Silva (2025), “toda composição carrega as marcas de quem a compõe”. Não há neutralidade possível: cada registro, cada silêncio, cada gesto da escrita traz consigo o corpo e a escuta da pesquisadora, suas afetações e deslocamentos. Cartografar, portanto, é reconhecer-se no processo, compreendendo que se pesquisa com o mundo e não sobre ele.

A pesquisa com os cotidianos (ALVES, 2008; ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) oferece o horizonte epistemológico que sustenta essa escolha metodológica. Nessa perspectiva,

o conhecimento é tecido no encontro entre sujeitos e práticas, no interior das redes educativas que constituem a vida social. Os “*praticantespensantes*” (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018) são compreendidos como produtores de saberes, e não apenas como informantes: suas narrativas revelam modos de compreender e agir no mundo, compondo tramas de conhecimentos e artes de viver.

O processo de análise buscou, assim, dar visibilidade às potências do narrar de si, reconhecendo o ato narrativo como produção de sentido e transformação subjetiva. O movimento interpretativo foi guiado pela noção de bricolagem (MACEDO, 2012), que permite articular elementos heterogêneos — falas, gestos, silêncios, memórias — em composições éticas e estéticas. O pesquisador-*bricoleur*, ao se implicar no campo, improvisa diante do imprevisto, inventa caminhos e se reinventa na escuta, tornando-se, como diz Macedo (2012, p. 50), “um transgressor responsável que trai a ordem estabelecida querendo-se ético na intenção de ultrapassar limites e fronteiras”.

Nesse sentido, a pesquisa foi também um exercício de formação mútua. A docência e a investigação se entrelaçaram na medida em que as práticas pedagógicas se converteram em experiências de pesquisa, e as narrativas das mulheres se tornaram dispositivos de reflexão sobre os próprios modos de ensinar e aprender. As relações ‘*afetoeducativas*’ (THIAGO, 2022) sustentaram esse processo, permitindo que a escuta se fizesse gesto político e pedagógico.

Para Josso (2012, p. 22), o *caminhar para si mesmo*, denota a

atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.

A cartografia, enquanto método e metodologia de pesquisa, desloca a lógica representacional e propõe um modo de investigar que se faz no entre, no fluxo dos afetos, dos encontros e das intensidades que atravessam os sujeitos e os territórios. Inspirada na filosofia de Deleuze e Guattari (1995), ela se organiza não como instrumento de captura ou de fixação do real, mas como prática de acompanhamento dos processos de subjetivação, em suas linhas de fuga e composições rizomáticas.

A pesquisadora-cartógrafa, nesse percurso, deixa de ocupar a posição de sujeito neutro e exterior ao campo, tornando-se corpo que afeta e é afetado, que se implica e se transforma

com o que emerge no percurso investigativo. Suely Rolnik (2006), ao propor a cartografia do desejo, amplia esse entendimento ao inscrever o método no registro do sensível, do ético e do político, chamando atenção para os modos como o desejo é capturado ou liberado nos processos sociais e subjetivos contemporâneos.

Cartografar, nesse sentido, é escutar o que pulsa nos interstícios do vivido, é produzir conhecimento a partir da experiência encarnada, situada, em constante mutação. Mais do que um método técnico, a cartografia se configura como uma atitude investigativa que se constrói em movimento, atenta aos afetos, aos sentidos que se deslocam e às forças que compõem os territórios do cotidiano.

Ao final, o que se produziu não foi apenas um texto acadêmico, mas uma composição polifônica, em que a voz da pesquisadora se mistura às vozes das participantes, compondo uma partitura coletiva. A pesquisa se fez canção — entre pausas e batidas, entre o silêncio e o som —, acompanhando o pulsar da vida que insiste em (re)existir nos cotidianos da EJA.

Despertar de vozes: (com)versas e narrativas na EJA

*E foi no timbre da voz da mãe que ele soube que existia.
O som, mais do que a palavra, abriu-lhe os olhos.*

No Brasil, cerca de 68 milhões de pessoas não concluíram a educação básica, o que representa aproximadamente um terço da população brasileira (IBGE, PNAD Contínua, 2023). Dentre elas, 9,3 milhões permanecem não alfabetizadas, com incidência maior entre populações negras, indígenas e rurais. Esses números não são apenas estatísticas: são marcas de uma história de exclusões que ainda ecoam nos cotidianos escolares. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), nesse contexto, não é apenas política compensatória, mas espaço de reparação histórica, de reencantamento do aprender e de afirmação de direitos.

Este tópico, em que procura-se apresentar os resultados e discussões parciais da pesquisa, reforça que a EJA foi vivenciada como território de formação compartilhada e criação de narrativas, onde alfabetizar ultrapassa o gesto de decodificar letras. Como defende Freire (1987), “alfabetizar é um ato de criação, não de memorização”, um exercício de liberdade que exige o reconhecimento da experiência e da palavra do outro. Em sala de aula, a escuta das histórias das mulheres se tornou o centro do trabalho pedagógico, revelando saberes que emergem do corpo, da memória e do afeto.

Foi durante uma roda de conversa, inspirada no texto *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, que o grupo começou a questionar as formas pelas quais suas histórias eram narradas — e silenciadas — ao longo da vida. Após a leitura e exibição de um trecho da palestra, uma aluna comentou: *“Mas professora, se sempre contaram nossa história dizendo que a gente é ignorante, como é que agora a gente muda isso? Como a gente faz para ter outra história?”*

Essa pergunta ecoou como um disparador de pensamento coletivo. As vozes se entrelaçaram num movimento de resistência: narrar tornou-se um modo de restituir o direito à palavra, de ocupar o lugar de quem escreve a própria história. As mulheres começaram a rememorar experiências de infância, trabalho e maternidade, tecendo memórias que romperam o silêncio e afirmaram sua presença no mundo.

Em outro encontro, uma estudante disse: *“Eu parei de estudar quando casei, fui forçada.. Agora voltei porque quero provar pra mim mesma que posso aprender. Não é pra mais ninguém.”* Essa fala, simples e profunda, condensa o gesto político que atravessa esta pesquisa: aprender é um modo de (re)existir. A cada narrativa compartilhada, a escola se refazia como espaço de vida, e a pesquisadora-cartógrafa se deixava afetar por essas vozes, que mais do que depoimentos, eram processos formativos coletivos.

As rodas de conversa — inspiradas nos Círculos de Cultura freirianos — tornaram-se dispositivos de escuta e produção de sentidos. Em torno das mesas, as participantes refletiam sobre temas como racismo, maternidade, ancestralidade, desigualdade e fé, sempre partindo de experiências vividas. As conversas revelaram, como diria Souza (2006), “a arte de lembrar como recuperação do eu”, transformando a memória em gesto político e pedagógico, como quando uma das alunas afirma: *“Professora, eu nunca gostei de falar na escola, mas aqui eu falo porque a senhora escuta. Aqui ninguém ri da gente, nos diminui.”*

Essa fala evidencia o poder transformador das relações ‘afetoeducativas’ que são “as relações que, movidas pelo sentimento de alteridade, compreendem o ser nas suas experiências individuais e sociais, por uma perspectiva integral, em que se assume um compromisso ético com o outro, na busca mútua da humanização” (THIAGO, 2022, p. 150), nas quais a escuta, o cuidado e o reconhecimento constituem práticas éticas e pedagógicas. Ao compreender o narrar como produção de si e do mundo, reafirma-se a dimensão formativa das experiências, em que cada história compartilhada se torna também a história da própria pesquisadora, implicada e atravessada pelo campo.

As narrativas produzidas e transcritas foram analisadas cartograficamente: não como dados fixos, mas como linhas de força que revelam fluxos de desejo, resistência e criação. A

leitura e reescrita desses materiais, em movimento de bricolagem (MACEDO, 2012), permitiram entrever a potência das conversas e o modo como elas reconfiguram o currículo, deslocando a centralidade do conteúdo para o sujeito.

Um dos momentos mais marcantes ocorreu quando uma aluna afirmou: *“Escrever eu não sei não, professora. Nunca consegui... Mas, se a senhora pedir pra eu te contar, eu faço isso com prazer!”* Essa enunciação, aparentemente simples, subverte o paradigma escolar que valoriza o texto escrito como única forma legítima de conhecimento. Ela revela a tática dos praticantes (CERTEAU, 2013): reinventar os modos de aprender e ensinar, resistindo à lógica do instituído. O ato de contar, nesse contexto, é também escrever: escrever com a voz, com o corpo, com o olhar.

As práticas pedagógicas realizadas durante a pesquisa mobilizaram atividades de letramento articuladas a temas de interesse das próprias estudantes, como “Mulheres que fazem história”, “Trabalho e dignidade”, “Mães e filhas da EJA”. A leitura de autoras como Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Ngozi Adichie foi acompanhada de discussões e produções orais e escritas, que deram origem a pequenos textos autobiográficos e a registros poéticos coletivos. O processo revelou que, para muitas delas, a escrita só se torna possível quando antecedida pela fala e pelo afeto — quando o corpo se sente autorizado a existir na palavra.

Como enfatiza Evaristo (2022, p. 35), “ao escrever a si próprio, o sujeito amplia seu gesto e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno”. Assim, cada narrativa produzida nas aulas ultrapassava o individual, tecendo redes de sentido e pertencimento entre as mulheres. Escrever, para elas, era também escrever-se umas nas outras.

Os encontros revelaram ainda as condições materiais e emocionais que atravessam o aprender na EJA: o cansaço após o trabalho, a ausência de tempo, as dificuldades de concentração, mas também a força dos vínculos que sustentam o grupo. Ao cartografar essas experiências, foi possível compreender a escola como um território afetivo e político, onde os saberes populares e as práticas de sobrevivência se transformam em conhecimento.

O narrar de si mostrou-se, portanto, um ato de resistência epistêmica, um modo de produzir conhecimento situado, que tensiona a hierarquia entre saberes acadêmicos e saberes da vida. Nas palavras de uma aluna: *“A gente aprende mais quando fala do que viveu. A senhora até nos ajuda a escrever depois, mas o que a gente fala é o que é de verdade.”*

Essa fala sintetiza o sentido da cartografia do vivido: acompanhar processos, não representar o real. Como propõe Rolnik (2006), trata-se de escutar o que pulsa nos interstícios, no que escapa às categorias. A análise das narrativas revelou deslocamentos sutis, mas

profundos: mulheres que antes diziam “não sei escrever” passaram a dizer “quero escrever mais”, percebendo-se autoras de suas próprias histórias. Um dos ápices do projeto foi a realização de uma feira literária da EJA, em nossa cidade, na qual duas de nossas alunas que estão participando da pesquisa foram premiadas, com suas escritas autobiográficas, tendo a possibilidade de receber medalhas e troféus, além da publicação de suas escritas e fala pública de suas produções em evento municipal.

Para além, as experiências de leitura e de roda de conversa em torno de *O perigo de uma história única* ampliaram esse movimento. Ao reconhecerem como o discurso hegemônico produz estereótipos e apaga identidades, as mulheres da turma passaram a reivindicar o direito de contar outras histórias — as suas. Esse despertar de vozes ecoa como prática de descolonização do saber e do ser, na medida em que desloca a narrativa dominante e afirma múltiplas versões do mundo.

Como em uma composição musical, cada voz se somou às outras, formando uma polifonia de sentidos. A cartografia dessa escuta revelou não apenas histórias de superação, mas processos coletivos de formação em que o conhecimento nasce do encontro, da partilha, da emoção. A EJA, nesse contexto, se mostrou mais do que uma política educacional: um espaço de criação de mundos, onde o aprendizado é gesto de amor, de cura e de (re)existência.

Entre silêncios e ressonâncias: o narrar como gesto de (re)existência

Toda pesquisa é também uma travessia. E, como toda travessia, não se encerra onde começa nem termina onde se planejou chegar. Ela se dobra sobre si mesma, refaz caminhos, abre desvios. Esta pesquisa de doutorado em andamento, gestada no ventre da EJA e alimentada pelas vozes de mulheres que ousaram narrar-se, não se conclui — segue pulsando, reverberando em cada corpo que foi tocado por ela.

Ao longo desse percurso, compreendemos que narrar a si é um ato de coragem, mas também de invenção. Cada voz escutada nos círculos de cultura, cada fragmento de memória compartilhado nas rodas, cada gesto de escuta e escrita nos revelou que a palavra é território de resistência e de renascimento. As mulheres da EJA — mães, trabalhadoras, avós, filhas — nos ensinaram que escrever não é apenas registrar, é afirmar a própria existência no mundo.

A EJA, nesse sentido, revelou-se mais do que campo de pesquisa: um território ético, estético e político. Ético, porque requer compromisso com a dignidade das vozes historicamente silenciadas; estético, porque produz beleza nas tessituras das narrativas; político, porque rompe o silêncio e desafia as estruturas que tentaram apagar essas histórias. Ao cartografar o vivido,

podemos observar linhas de fuga e de criação, resistências cotidianas que se expressam em gestos simples — o levantar da mão para ler uma palavra, o brilho no olhar ao reconhecer o próprio nome escrito, o desejo de “aprender pra ensinar os netos”.

Essas pequenas revoluções do cotidiano revelam a potência das narrativas como modos de existir e conhecer. Elas apontam para a urgência de repensar o currículo da EJA não apenas como instrumento de formação escolar, mas como espaço-tempo de escuta, pertencimento e reconstrução identitária. Nos entremeios das conversas, o conhecimento se faz movimento, não conteúdo; experiência, não acúmulo.

Nessa travessia, compreendi, junto a elas, que a cartografia não busca resultados fechados, mas movimentos e ressonâncias. Cartografar é acompanhar o que pulsa, é caminhar junto, é aprender a ler o que escapa à letra e se inscreve na pele, no olhar, na pausa. A cada conversa, uma dobra se formava — entre pesquisadora e praticantes, entre escuta e fala, entre teoria e vida. O mapa que se desenhou é feito de fragmentos, vozes, afetos e memórias, compondo um território vivo de saberes.

O que se produziu neste percurso é mais do que um conjunto de dados: é um movimento de criação compartilhada, uma poética do cotidiano que devolve à EJA o lugar de invenção e esperança. Como diria Conceição Evaristo (2020), cada palavra escrita ou dita é semente que germina em outros corpos. Assim, as narrativas colhidas seguem germinando, mesmo fora da sala de aula, produzindo ecos nas práticas pedagógicas, nos gestos de afeto, nas políticas de reconhecimento.

Dessa forma, reafirma-se que os resultados aqui apresentados são parciais e processuais, frutos de um trabalho que segue em investigação, aberto a novas análises e diálogos com as mulheres que continuam compondo esse território formativo. A pesquisa prossegue se (re)fazendo nas experiências que ainda virão, nos encontros cotidianos e nas futuras escutas que se desdobrarão desse processo.

Encerramos — ou melhor, suspendemos — este ciclo com a certeza de que a palavra é sempre início. Nas vozes das mulheres da EJA ecoam não apenas histórias passadas, mas o anúncio de um futuro que se escreve no presente. Que essas narrativas sigam abrindo caminhos, inspirando práticas, semeando esperanças. Que o pulsar dessas vozes continue ressoando nas escolas, nas pesquisas, nas ruas, nos corações que ousarem escutar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês; PEIXOTO, Leonardo; SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A contagem dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

BARENBOIM, Daniel. *A música desperta o tempo*. São Paulo: Martins, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1: Introdução: o rizoma*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: EduFRN, 2014.

FONSECA, Amanda de Lima; ANDRADE, Thamara Félix de. Mães estudantes da EJA na Maré/RJ: entre o desejo de estudar e as barreiras do cotidiano. *Revista Teias*, v. 25, n. 79, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/82712>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 56. ed., 2014.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Educação 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2025.

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Bricolagem como metodologia de pesquisa*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MADDALENA, Tania L.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Pandemia ilustrada: criações curriculares a partir da contação de histórias digitais. *Revista Espaço do Currículo*, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2022.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador, BA: Editora Devires, 2019.

PORFÍRIO, Amanda Teixeira. Entre a juventude e a velhice: narrativas de duas mulheres negras na EJA. *TRAnS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e*

Contemporaneidade, v. 1, n. 5, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/72519>. Acesso em: 18 jul. 2025.

PARECER CNE/CEB 11/2005. *Parecer CNE/Ceb nº 11, de 2005*. (Referência legislativa citada no texto.)

PLANO/POLÍTICA (MEC). *Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em: 18 jul. 2025.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. reimpressão. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2011.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SANTOS, Aline Cristina dos et al. Mulheres negras na EJA: compreendendo os desafios e as estratégias de enfrentamento do racismo no âmbito escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 28, e280054, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/brrM7nhJ75zSRLYjpsfscwm/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SOUZA, Elizeu. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, Patrícia Ramos de. Mulheres na EJA: sonhos e desafios da continuidade escolar no município de Seropédica/RJ. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3275>. Acesso em: 18 jul. 2025.

THIAGO, Ana Clara Frey de S. *Relações afetoeducativas em ambiências online*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2022.

YEDAIDE, Maria; PORTA, Luis. Verbete: Narrativa como forma de conhecer as experiências de mundo. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patricia (orgs.). *Dicionário de pesquisa narrativa*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022. p. 241-248.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas de si e identidade de raça e gênero: escrevivências de uma mulher negra. *Travessias*, v. 14, n. 4, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23554>. Acesso em: 18 jul. 2025.